Urbanidade e multidão *queer* em Berlim

Urbanity and queer multitude in Berlin

Marcos Sardá Vieira

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/7128>

DOI: 10.4000/pontourbe.7128

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Marcos Sardá Vieira, « Urbanidade e multidão *queer* em Berlim », *Ponto Urbe* [Online], 25 | 2019, posto online no dia 25 dezembro 2019, consultado o 31 julho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/7128> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7128>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2020.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Urbanidade e multidão *queer* em Berlim

Urbanity and queer multitude in Berlin

Marcos Sardá Vieira

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 06/04/2019

Aceitação / Accepted 09/08/2019

Introdução

- 1 A cidade é um campo ambivalente de possibilidades. Da mesma maneira que está configurada por prerrogativas heterossexuais e masculinas, também é campo de dissidências para a formação de novos conceitos de vida, na manifestação de desejos e desprendimentos para com as políticas de regulamentação social e urbana. Nesse âmbito, utilizar a perspectiva *queer*¹ como referência para os estudos interdisciplinares da urbanidade nos possibilita ressignificar a cultura material de apego aos discursos, às orientações e materialidades hegemônicas na constituição do sentido que é dado à arquitetura das cidades.
- 2 Assim, para acrescentar novos panoramas na compreensão da urbanidade contemporânea, apresento nesse artigo minha experiência de análise fenomenológica ao vivenciar eventos ligados às subculturas *queer* no espaço urbano consolidado de Berlim². A fenomenologia surge aqui como um método de abordagem antropológica ao se aproximar da filosofia da vida; como uma apreensão cuidadosa dos fenômenos do cotidiano e como anúncio de seus sintomas de maneira sistêmica, ou seja, na relação com o entorno, com as outras pessoas e com o tempo.

- 3 Como uma das principais metrópoles contemporâneas de fomento aos modos de vida e à estética urbana da diversidade, Berlim surge como destaque na representação alternativa de novas identidades vinculadas ao gênero e às sexualidades. Ao participar da mais popular “Parada da diversidade”, a *Christopher Street Day* (CSD), e acompanhar seus eventos equivalentes³, pude constatar a importância do gueto LGBTI+ berlinense, localizado no bairro *Schöneberg*. Esse gueto define um dos pontos focais de onde parte a multidão *queer*⁴, visibilizando a diversidade de corpos, orientações e performatividades⁵ na composição criativa e inovadora junto ao espaço público. Ao mesmo tempo, os eventos públicos em *Schöneberg* envolvem conflitos e segmentações entre as subculturas dissidentes, revelando as transformações dos movimentos sociais berlinenses e ampliando a pluralidade de representações políticas LGBTI+ no conjunto de visibilidades *queer*.
- 4 Nesse artigo, o termo “queer” é visto como conceito amplo de idealização para os estados de desapego aos discursos, orientações e materialidades hegemônicas, ao questionar o sistema de sexualidades, expressão do corpo e identidades de gênero sacralizadas pela cisheterossexualidade (BARKER; SCHEELE, 2016). Nesse campo de atuações estariam as pessoas LGBTI+ como representantes da pluralidade de práticas cotidianas, do dissenso e da aliança política, ao assimilarem novos modos de vida distintos do caráter hegemônico ou, ainda, fluindo entre enquadramentos ao questionar as categorias identitárias. Assim, o uso do termo *queer* refere-se a uma visão ampla e coletiva de questionamento da matriz heterossexual⁶, isto é, o *queer* constituindo essa suposta noção de unidade para todas as pessoas enquadradas pelo contraste excludente do esquema de vida cisheteronormativo (LEWIS, 2017), independente dos conflitos envolvendo os segmentos LGBTI+ e apesar das tendências de normalização de algumas dessas identidades dissidentes.
- 5 Ao questionar as políticas heterossexuais, centradas na representação da cultura material e urbana⁷, destaco o pensador espanhol Paul Preciado (2011) ao enfatizar o reconhecimento da multidão *queer* como estratégia de desconstrução política para as relações de apego com as coisas⁸, enquanto fator predominante de orientação da vida das pessoas. Nesse caso, a multidão *queer* surge como referência de particularidades e valores desvinculados dos modos de vida requeridos pela representação do espaço planejado, marcado por hierarquias e imobilidades. Portanto, ao fazer uso do espaço público essa multidão de *pessoas estranhas* costuma ressignificar (ou ressexualizar) a produção de corpos heteronormados⁹ e suas vivências públicas regulamentadas.
- 6 Nessa apropriação espacial e efêmera da esfera pública pela multidão *queer*, portanto, a cisheterossexualidade pode ser compreendida como instrumento biopolítico de configuração material e discursiva da realidade totalizadora. Em contraponto, na experiência vivenciada pela performatividade desviante de homossexuais, transexuais, bissexuais e figuras andróginas, temos a oportunidade de rever as orientações (identitária e espacial) previamente constituídas com seus limites de disciplina e regulamentação.
- 7 São nessas vivências coletivas de ações e comportamentos, no movimento ético e estético da pluralidade, compartilhando e ocupando a cidade, que surgem novos valores e conceitos para questionar as funções e ações da urbanidade cotidiana. Dada a situação de heteronomia¹⁰ do planejamento urbano brasileiro, voltado para a superficialidade na consolidação da infraestrutura urbana e da cultura patrimonial uniforme, é importante

considerar a presença da multidão *queer* em eventos coletivos como medida mínima para efetivar o caráter público e democrático das práticas que constituem as cidades.

Queer Week em Berlim

- 8 Ao sair da moradia eu já sabia o que encontraria nas ruas de *Schöneberg* naquela sexta-feira, 15 de julho de 2016. A *Berlin Queer Week* estava para começar naquele final de semana. Trata-se de um evento público, próximo à estação de metrô *Nollendorfplatz*. As principais ruas, que congregam os estabelecimentos LGBTI+, são fechadas e em suas margens são instaladas barracas para a venda de cerveja, comida, roupas, acessórios fetiche, para a divulgação de instituições, campanhas de saúde, venda de imóveis e comunicação de revistas e festas que acontecerão durante a semana. Com essa configuração geral, o evento *Queer Week* em 2016 (de 15 a 24 de julho) aconteceu durante toda a semana que antecede a *Christopher Street Day* em Berlim.
- 9 O grande número de pessoas nas ruas atesta o sucesso do evento ao longo dessa semana. Durante o verão o movimento costuma ser intenso, principalmente, próximo da (rua) *Maaßenstraße*, devido à concentração de restaurantes e bares. Mas era na *Motzstraße* onde a multidão *queer* se concentrava para a ocupação do espaço público. Apesar do intenso fluxo, chamou minha atenção a tranquilidade do movimento de pessoas no entorno. Cheguei ao local através do ônibus 106 e aproveitei para observar as áreas em volta do evento, que davam acesso para a concentração da *Motzstraße*. Acredito que na estação de *Nollendorf*, de frente para a entrada do evento, a movimentação coletiva nas quatro linhas de metrô era ainda maior. Nas ruas adjacentes a transição espacial e simbólica parecia suave, sem muitos contrastes com outros dias. Chegando próximo da maior concentração de pessoas, observei a influência da multidão *queer* aberta e alegre em suas performatividades e corpos plurais, em atitudes sem excessos de representação e sem receio de estar presente naquele local.
- 10 Em minhas vivências urbanas, principalmente no Brasil, este intervalo dimensional e simbólico de atuações entre o corpo coletivo e as fronteiras simbólicas da cidade costuma estar marcado por condições precárias de vida. Isso se deve por estas delimitações de lugares públicos, que separam contextos marcados pela alteridade, estarem suscetíveis à desconfiança e ao medo nas interações sociais (BAUMAN 2009). Seguindo esse raciocínio, considero que as relações condicionadas pelo medo tendem a potencializar o confinamento espacial de todas as pessoas enquadradas por sua maior condição de vulnerabilidade social (BUTLER 2015). Como é o caso das mulheres e das identidades e sexualidades dissidentes (*gays*, *lésbicas*, *transexuais*, *travestis*, por exemplo), que não dispõem da mesma liberdade de ir e vir em qualquer espaço público, necessitando de áreas privadas ou de guetos para reduzir sua condição de riscos. Ao mesmo tempo, estas áreas particulares servem para manter o controle e o isolamento dos comportamentos indefinidos, diante de uma visão de mundo hegemônica e hierárquica. Essa mesma visão idealizada e restrita condiciona identidades com base em preconceito e ódio, impedindo que as pessoas desenvolvam e ampliem a consciência de seu território porque, fora dele, deparam-se com uma hostilidade ainda evidente (TUAN 2012).
- 11 Da relação de um sujeito-corpo com o espaço citadino são várias as condições para o seu desenvolvimento. De maneira geral, o reconhecimento do sujeito está vinculado às viabilidades do seu corpo marcado por atributos da anatomia, identidade de gênero e

sexualidades cabíveis no âmbito das regulamentações públicas, sociais e urbanas. Portanto, a viabilidade do sujeito-corpo na sociedade urbana contemporânea não é aleatória e as ameaças de sua coerção não são por fatores alheios à própria condição de adaptação ao ambiente urbano. Pelo contrário, as imposições para o reconhecimento do sujeito como ser digno de viver na cidade precisa passar pela adequação resiliente da anatomia e dos comportamentos vinculados ao padrão do gênero e da moralidade heterossexual prescrita pelo discurso do planejamento urbano, caso contrário, este sujeito-corpo torna-se parte do conjunto de anormalidades clandestinas na interseção desfavorável de categorias socioespaciais.

- 12 José Miguel Cortés (2008) analisa que, “atualmente, nas cidades ocidentais contemporâneas é profundamente hegemônica uma visão que deixa grande parte da população fora dos benefícios que o espaço urbano poderia representar” (CORTÉS 2008:8). Por isso, a invisibilização de representações públicas, que fuja à condição de vida cisheteronormativa, condiciona outros processos de singularidades em vivências coletivas e pessoais na busca por subterfúgios da vida privada e periférica, ainda que possam contribuir com novas referências de convivência social na esfera pública.
- 13 Em boa parte, isso acontece porque os meios de produção do espaço urbano influenciam diretamente na manutenção do medo. Reduzir riscos e garantir segurança nas metrópoles são serviços já prestados por empresas e instituições, que lucram com a insegurança e realçam ainda mais esta sensação quando abarcam os efeitos do medo sem afetar suas causas (BAUMAN 2009). Por este motivo, a idealização do espaço seguro está no âmbito da propriedade privada. Nesse espaço interno, de particularidades, os sujeitos colecionam bens e objetos materiais para compensar seus desejos e carências devido ao afastamento das relações sociais no espaço público exterior. Ao mesmo tempo em que as áreas livres públicas são mantidas sob o domínio representativo da cisheteronormatividade, caracterizando o ostracismo, a violência e a neutralidade, na busca recorrente pela representação ideal da masculinidade (MACHADO 2007).
- 14 Seguindo esta ideia, sob o ponto de vista da produção econômica e da cultura material, Henry Lefebvre (1999) considera prejudicial essa política de homogeneização do espaço para atender a um perfil padrão de sociedade:

A política do espaço apenas o concebe como meio homogêneo e vazio, no qual se estabelecem objetos, pessoas, máquinas, locais industriais, redes e fluxos. Tal representação fundamenta-se numa logística de uma racionalidade limitada, e motiva uma estratégia que destrói, reduzindo-os, os espaços diferenciais do urbano e do *habitar* (LEFEBVRE 1999:53).
- 15 Diferente desta visão do espaço uniforme, quando o espaço público apresenta alta qualidade configuracional, torna-se possível promover o bem-estar social, melhorar as relações coletivas e apaziguar conflitos latentes, inclusive, no reconhecimento da diversidade criativa de comportamentos, identidades e sexualidades desviantes em áreas urbanas a serem compartilhadas (GEHL 2013). Porém, no contexto das metrópoles ocidentais, ainda predominam as fronteiras sociais para a distinção das diferenças, seja pelo poder aquisitivo, por valores culturais, pelo nível educacional, por grupos étnicos ou pela concepção binária de identidades de gênero e sexualidades, que desconectam a convivência coletiva das verdadeiras vocações sociais (BAUMAN 2009).
- 16 A formação dos guetos está dentro desta concepção antagônica de proteção e controle, que depende do olhar do sujeito e do seu envolvimento simbólico, entre aquele que diverge com a identidade hegemônica e o outro, que delimita uma fronteira para se

isolar do comportamento estranho ao sistema de classificação do contexto dominante. Assim, nesse âmbito de interações sociais, a área de *Schöneberg*, onde se localiza a principal concentração de bares, lojas e restaurantes voltados ao público LGBTI+ costuma ser a principal referência na definição do gueto *gay* em Berlim.

- 17 Para Isadora Lins França (2007), o gueto é visto como uma referência transponível a partir do qual os sujeitos participantes podem extrapolar sua inserção social envolvidos em uma rede mais ampla de território e relacionamentos. Por outro lado, Wacquant (2004) considera que o gueto está ligado às relações de poder exercidas sobre os grupos minoritários, definindo a segregação espacial para facilitar o controle sobre determinado grupo social. Já o gueto *gay* apresentado por Levine (1998) refere-se ao espaço urbano delimitado, que aproxima deliberadamente os estabelecimentos comerciais, as moradias e as áreas de convivência pública, normalmente, frequentados pelo público homossexual. Possibilitando o reconhecimento e as relações sociais na dimensão pública, Machado e Prado (2005) acrescentam outra compreensão a partir da comunidade homossexual e que se poderia estender a outras identidades sexuais:

O gueto possui uma importante função política dentro da comunidade homossexual, uma vez que esse segmento não encontra em seus grupos primários de pertença elementos favoráveis à constituição de uma identidade homossexual [...]. É então nesse meio que os homossexuais ensaiam possibilidades de construções da identidade homossexual, talvez menos marginalizadas (MACHADO; PRADO 2005:49).

- 18 Nas metrópoles contemporâneas ocidentais, apresentadas pelo turismo e pelo mercado de especulação imobiliária, a configuração do gueto *gay* apresenta uma aparente comunhão quando inserido em áreas urbanas estratégicas. Nesses territórios dinâmicos, onde emergem diferentes identidades de gênero e sexualidades dissidentes, existe o propósito de dar expressão aos assuntos de interesse desta comunidade, principalmente, quando se torna possível sua exploração como espaço de consumo. (VIEIRA 2013; CORTÉS 2008).
- 19 A compreensão do gueto também diz respeito à noção de afinidades sociais no compartilhamento do espaço. Milton Santos (2006) considera que essa sociabilidade implicada em maneiras de conciliar o múltiplo em uma unidade de relações práticas ao exercerem um conjunto de valores desiguais. Para que isso seja possível, a proximidade das pessoas é um aspecto importante. Contudo, Santos (2006) não define a proximidade apenas por uma relação física de distância entre as pessoas no sentido de uma economia das relações de vizinhança, mas a proximidade também na formação de um sentimento de solidariedade, na criação de laços culturais e ao estabelecer identidades comuns entre o(s) grupo(s). Portanto, a proximidade “tem que ver com a contiguidade física entre pessoas numa mesma extensão, num mesmo conjunto de pontos contínuos, vivendo com a intensidade de suas inter-relações” (SANTOS 2006:215-216). A proximidade, portanto, também representa uma garantia de comunicação entre as pessoas, que participam do mesmo lugar.
- Nesse sentido, os guetos urbanos, comparados a outras áreas da cidade, tenderiam a dar às relações de proximidade um conteúdo comunicacional ainda maior e isso se deve a uma percepção mais clara das situações pessoais ou de grupo e à afinidade de destino, afinidade econômica ou cultural (SANTOS 2006:220).
- 20 A permanência dessa noção de gueto em *Schöneberg* como ponto focal de representação LGBTI+ é reforçada pelo ciclo de festas e eventos coletivos na ocupação ocasional do espaço público. No sentido de ocupar e valorizar os territórios *queer*, Paul Preciado (2011) considera o gueto como espaço importante para o caráter representativo da

multidão *queer*, em um contexto onde o território majoritário e circunscrito é heterossexualado. Nesse reconhecimento de afinidades coletivas, Preciado (2011) amplia a noção dos corpos e das identidades anormais como potência política na atualidade. Por isso, para o autor, a noção de multidão *queer* representa o reconhecimento da diferença latente dos sujeitos *anormais* diante das imposições sexopolíticas de normalização de corpos e subjetividades, através de tecnologias corretivas. Ainda, Preciado (2011:17) considera que a multidão *queer* representa “uma transformação na produção, na circulação dos discursos nas instituições modernas (da escola à família, passando pelo cinema ou pela arte) e uma mutação dos corpos”.

- 21 Assim, essa multidão *queer*, que surge para questionar as políticas feministas e a padronização da cultura homossexual, apresenta outras leituras de posicionamento e orientação na sociedade, deixando de ser periférica e segmentada aos guetos, e tornando-se, inclusive, presente e visibilizada em todos os lugares. Esse devir na cidade representa um processo de desterritorialização da cisheterossexualidade como identidade fixa e sedentária, tanto na configuração do planejamento do espaço urbano quanto na representação corporal, resistindo ao processo de normalização.
- 22 De maneira complementar, considero que a formação da multidão *queer*, com base no reconhecimento de identidades e corpos femininos, *gays*, intersexuais, lésbicas, transexuais, travestis - entre outras representações de sujeitos não convencionais - deve promover a mesma linha de frente na resistência contra a sexopolítica e a geografia urbana do biopoder. Para isso, não basta a representação das superfícies urbanas para indicar o seu público alvo; é necessário promover o movimento de corpos, seus gestos, atos e falas coletivas, demarcando o espaço com memórias de vivências públicas.
- 23 Nesse viés, a noção dada ao gueto de *Schöneberg* costuma ser ampla na vinculação dos acessos e nas dinâmicas de localização dos estabelecimentos ao se constituírem como suporte para os movimentos e encontros coletivos da comunidade LGBTI+ berlinense, em simbiose com outras áreas e estabelecimentos temáticos distribuídos pela metrópole, como nos bairros *Kreuzberg* e *Mitte*.
- 24 Atualmente, *Schöneberg* compreende os agrupamentos de bares, cinemas, restaurantes, livraria e hotéis na malha urbana costurada por *Motzstraße*, *Martin-Luther-Straße*, *Kalckreuthstraße*, *Eisenacher Straße*, *Fuggerstraße* e *Geisbergstraße*, entre as principais ruas, definindo o núcleo desta área onde a *Berlin Queer Week* estabelece suas fronteiras. Na ocupação dessas áreas públicas, assim como de qualquer outra em Berlim, é necessária a autorização das instituições públicas, o que predispõe a boa infraestrutura e o apoio logístico de segurança e emergência mantidos durante a festa. Nesta organização, pude observar espaços destinados à presença de agentes de saúde e de policiais, que ficam disponíveis para prestar auxílio ao público ou para estabelecer os limites de atuações contra hegemônicas. Uma presença sutil dentro do território estabelecido para o encontro, o prazer e a comemoração.
- 25 A ocupação das ruas para o evento *Queer Week* segue certo rigor na organização do espaço. Existe um planejamento que estabelece as entradas no bairro para o público, demarcadas por portais com enfeites de balões coloridos. Cada temática das tendas é organizada ao longo das ruas onde acontece o evento. Para além destas ruas, a rotina permanece a mesma. O limite do evento é estabelecido por proteção sinalizada e monitorada, por onde passam apenas pedestres. Dentro do espaço urbano de instalações provisórias, o parcelamento do espaço também segue uma programação,

entre as tendas institucionais, comerciais e de serviços. Observando de maneira aleatória no local não percebo uma separação entre funções. As tendas se misturam ao longo dos alinhamentos das ruas, onde de um lado está a tenda com bebidas alcoólicas junto com instituições que comunicam seus serviços comunitários, ao lado de um quiosque vendendo salsicha com pão; e do outro lado a tenda com bebidas ao lado de outra com produtos de sex-shop. Já o mapa que apresenta a distribuição das tendas entre as diferentes ruas ocupadas pelo evento, demonstra essa prévia organização das temáticas no espaço, indicando pouco espaço para o imprevisível na apropriação espacial. Circulando por todas as áreas, pude perceber que alguns pontos com venda de cerveja ficam estrategicamente em frente a bares gays já consagrados pelo endereço das edificações no gueto. Por exemplo, em frente ao *Tom's Bar* um grande quiosque patrocinado pela *Beck's* demarca sua posição na esquina (o bar também é localizado nesta esquina) e aglomera vários consumidores neste ponto estratégico e próximo a um palco de apresentações (a esquina amplia os eixos visuais e permite espaços vazios fora do fluxo de pessoas nas ruas). Outros exemplos são a cafeteria *Romeo und Romeo* e o bar *Scheune*, que também dispõem de quiosques vendendo cerveja em frente ao estabelecimento. E é interessante notar que permanece uma ligação entre o quiosque (às margens da rua) e o prédio dos bares, mantendo a área de passeio como ambiente intermediário e secundário para os encontros e passagens de transeuntes, considerando o eixo central da rua a principal área destinada à circulação e concentração de pessoas (para onde se volta a frente principal de cada quiosque).

- 26 Junto a esses quiosques, que vendem cerveja e outras bebidas, também se pode vincular a proximidade de tendas vendendo comida com outras que vendem artigos específicos para o consumo (como roupas, mochilas, acessórios, objetos estilo *leather*, entre outros produtos variados). Por exemplo, próximas do quiosque de cerveja do bar *Scheune* estão localizadas tendas vendendo frituras (como batatas fritas) e outra com churrasco de linguiça e carne, para comer com pão. Em particular, esta combinação é preenchida pela proximidade de um público bastante específico de homens maduros vestidos ao estilo *bear* e/ou *leather*, quase todos bebendo, conversando e (sendo apreciados) apreciando o movimento. Vários contextos de tribos se vinculam neste mesmo evento para formar uma equidade na multidão *queer*. Uma multidão que coloca em prática o diálogo visual e o reconhecimento de expressões e corpos intercambiáveis, como se estas práticas fossem assimiladas por famílias de pais e filhos que visitam a festa ou por diferentes grupos de lésbicas e gays homonormatizados¹¹. Ou ainda, pela presença das *dragqueens* demonstrando o lado cênico da transformação do gênero enquanto outros corpos andróginos representam esta transformação como algo consolidado em seus cotidianos. Essas presenças demarcam uma visualização pública da diversidade humana no contexto da urbanidade, enquanto espaço modificado pelo devir social. São sujeitos que tornam verdadeiros e inquestionáveis os desejos plurais, os estilos, as gerações e as identidades menos comuns, todas ali presentes para permitir o primeiro olhar de estranhamento, ao mesmo tempo em que educam este olhar para outras diversidades que surgem em decorrência de novos percursos e encontros ao circular pelas ruas.
- 27 A construção deste contexto LGBTI+ acontece pela promoção do movimento. As pessoas passam e mantêm o fluxo em volta dos pontos comerciais. As ruas em si já possuem essa intenção de manter o fluxo, manter a vazão dos corpos que alimentam e são alimentados pelos espaços de permanência - de maneira similar à estratégia dos corais marinhos, que se alimentam do plâncton que flui na corrente do mar. As tendas são

como corais que alimentam os *peixes* (pessoas) e são alimentadas por *plânctons* (dinheiro, produtos e valores simbólicos) que recebem em troca.

- 28 O próprio comboio da *Christopher Street Day*, que acontece, regularmente, no período final da *Queer Week*, também é movimento. Movimento de multidões pelas ruas de Berlim em um percurso demarcado pelas principais avenidas e pontos turísticos. Uma cidade catalogada por arquiteturas e espaços referenciais e que é enaltecida por uma torcida que se movimenta pelas ruas para comemorar sua visão de realidade e dedicar suas verdades no contexto de bens materiais já consagrados. É como se a multidão *queer* (assim como qualquer multidão envolvida nesse sentimento de comemoração) estivesse reverenciando a cidade e sendo por ela abençoada. Entretanto, esta passagem rápida e pouco frequente de uma multidão de inclassificáveis nada materializa nessas áreas já estabelecidas por outra(s) normatividade(s). A consagração do cotidiano naturalizado é mais efetiva nesta relação entre representação e representados. Para a cidade, a *Christopher Street Day* é apenas uma reverência de um dia. Uma autorização de passagem por áreas famosas de Berlim concedida à estética da existência *queer*. Similar à passagem controlada dos berlineses *capitalistas* quando visitavam o lado oriental da Berlim *socialista*, depois da construção do muro em 1961, sem transformar, necessariamente, a concepção de um lugar no outro. Ao final do dia, todas e todos devem voltar para as suas propriedades privadas e lavar o *glitter* das ruas. E na manhã seguinte despertam-se todos de seus sonhos. A cidade (acordada?) permanece, portanto, sob o funcionamento de suas regras e a disciplina de corpos e comportamentos, quase imperceptíveis como rebelião.

Christopher Street Day em Schöneberg

- 29 Acordei no dia da principal “parada da diversidade” berlinense imaginando que o ataque terrorista, que só veio a acontecer em dezembro deste mesmo ano (2016), aconteceria durante esse evento de *degenerados*. Felizmente, minha antecipação de cinco meses foi apenas uma suspeita improvável. Esta edição da *Christopher Street Day* (CSD) em Berlim, no ano de 2016, foi um momento de sorte. Diante de ataques terroristas ocorridos em Munique alguns dias antes, o desfile da CSD berlinense representou um momento de coragem. A multidão *queer* que tomou as ruas da cidade, saindo de *Ku’damm/Joachimthaler Straße*, passando por *Nollendorfplatz*, até chegar em *Brandenburger Tor*, fez jus ao movimento de orgulho e diversidade. Pessoas que, cada vez mais, expõem suas singularidades, contestam as identidades binárias e afrontam as normas de expressão corporal. Essa mesma multidão saiu às ruas para enfrentar qualquer ameaça. Uma multidão que compreende a liberdade como luta e o percurso como meio intransponível para essa conquista, seja sob ameaças ou no conforto do elogio. Uma multidão que desconstrói o xingamento e torna difícil estabelecer um elogio como referência acaba sendo uma multidão invencível pelo enfrentamento constante contra a condição de seres cativos.
- 30 Iniciei minha participação no *Christopher Street Day* observando as limites tênues que separam os bairros e o surgimento crescente de figuras extravagantes, cômicas, apelativas e tribais, como atrativos que animavam a marcha dos sujeitos estranhos ao longo do evento público.
- 31 Saindo da região do gueto de *Nollendorfplatz* percebi que a plateia em volta da rua, por onde passavam as caravanas de atrações (não justificadas por um carnaval fora de hora)

era ainda mais numerosa do que as figuras do desfile. Eu sentia a necessidade de estar mais perto do desfile e, por isso, procurei acompanhar o seu percurso, tomando, por instinto, o mesmo movimento de caminhar para uma direção comum. Diferente do público parado nas proximidades da estação de metrô *Nollendorfplatz* - lugar emblemático da comunidade gay onde o desfile fazia a curva e reduzia sua velocidade - segui pela rua, no fluxo da *Parada*, em direção a *Siegestäule*, entrando no *Tiergarten*. Percebi que no decorrer dos percursos, após a multidão de *Nollendorfplatz*, a aglomeração da plateia ao longo das ruas ficava menor e a multidão de participantes vazava em suas fronteiras de passagem. Desta maneira, o fluxo de pessoas entre os diferentes lados, daquelas que assistem e daquelas que *dançam* ficava indefinido, da mesma maneira que era indefinida a classificação de hierarquias, entre quem estava se divertindo mais. Seriam os homens mais animados do que as mulheres? Quem são os homens e as mulheres nesta multidão? Que corpos eram mais desnudos? Perguntas irrelevantes no meio de uma multidão berlinense. Uma multidão já desinteressada pelas particularidades de corpos e expressões ao longo do cotidiano. Quem dirá ser relevante qualquer categorização (estigma?) diante de um movimento social que defende a diversidade?

- 32 No embalo da comemoração diurna (onde a luz é predominante para destacar detalhes), pelas músicas dos carros de som e pela animação contagiante de todas aquelas figuras felizes, a emoção tomou conta. Tantos tipos de ser e viver, entre corpos sincréticos e desejosos. Corpos de mais expressão, de exageros, e menos repressão e simplicidade. No ritmo das músicas, também ultrapassei o limite tênue que separa aquelas pessoas que assistem daquelas que são assistidas e fui contribuir com minha presença no desfile. Mais um corpo de particularidades, na maneira como se posiciona no espaço, no movimento, na dança, na percepção. Segui o embalo da multidão e atravessei todos os percursos, correndo e dançando entre diferentes grupos e carros de som. Voltei ocasionalmente para retomar o fôlego nas calçadas ou para observar a interação com um público, que já não era separado do privado¹². Não existia privado para além das cordas de proteção dos veículos de som. Os pequenos desníveis das ruas não eram obstáculos para a mistura aleatória dentro da multidão *queer*, que se embalava pelo fluxo das músicas em uma direção comum para o encontro.
- 33 Chegar em *Brandenburger Tor* foi uma grande surpresa. O tempo marcado pelo percurso e pelos passos de dança não fez jus ao curto tempo percebido pela diversão. Como se fosse possível apenas aos momentos de prazer o encolhimento do tempo de duração. *Brandenburger Tor* é um lugar mágico pela sua representação central na cidade (WILLIAMS 2004). Um lugar onde o ponto de fuga coincide com sua posição na perspectiva das grandes avenidas. Chegar em *Brandenburger Tor* foi como chegar novamente ao espaço coletivo da diversidade do final de semana anterior (em *Nollendorfplatz*), com barracas e tendas montadas nas bordas das ruas para receber a multidão sedenta e faminta pela longa jornada. No espaço mais amplo de *Brandenburger Tor*, os carros de som se espalharam diante da multidão aglomerada nas ruas, até chegar à frente do grande palco, montado de costas para o portão de *Brandenburger*. Apresentações musicais davam continuidade aos ruídos dos veículos de som, que estacionavam nas margens do percurso final. Muitos corpos e muita audiência se divertindo com a torre de *body-jump*, entre outros contingentes deste formigueiro, que se infiltrava pelos espaços do *Tiergarten*, marcando suas margens como pontos de encontros secundários.

- 34 Várias referências de corpos se fizeram presentes. Corpos fantasiados, travestidos e despidos, misturados entre trajes de fetiche, de alegorias e expressões exageradas. Corpos *ciborgues*, na melhor das definições (HARAWAY 2009). Corpos em movimentos suspeitos para as convenções. Corpos de transição, que ressignificavam as lembranças do lugar no tempo fugaz da diversão. Uma alegoria coletiva forçando as fronteiras da superestrutura da cidade. Uma cidade que define o percurso do desvio desde que seja mantido sob controle e disperso nos hábitos cotidianos. Neste sentido, ninguém precisaria aterrorizar uma multidão, por si mesma, *monstruosa* em suas atitudes. Uma multidão de *aberrações*, que inverte a ordem espacial do circo como espetáculo. O dia em que, para a sorte do público, a totalidade do privado saiu à rua ao mesmo tempo.
- 35 Mesmo em se tratando de um evento público foram vários os agentes sociais e as entidades privadas participando e marcando suas presenças corporativas. Em geral, a intenção de promover eventos como a *Christopher Street Day* em *Schöneberg* é demonstrar para todas as pessoas que qualquer particularidade é bem-vinda. Entretanto, o efeito da especulação turística e comercial na organização da *Queer Week* e da *Christopher Street Day* (CSD) costuma ser visto em associação com a perda de sua força política e reivindicatória em reforçar o direito à cidade para a comunidade LGBTI+, que não se sente totalmente representada pelas marcas e discursos na própria responsabilidade participativa de empresas privadas, presentes nesses eventos. Inclusive, foi a partir dessa visão crítica que surgiu em 1997 o evento paralelo *Trans* Christopher Street Day* (TCSD) no bairro de *Kreuzberg*. Nessa *Parada da diversidade* de cunho anarquista, a organização do evento procura dar maior visibilidade às pessoas trans e, ao mesmo tempo, enfatizando a representação étnica e pós-identitária de composição da multidão *queer*, sem atrair a realização de festas e a participação de empresas e marcas comerciais.
- 36 Enfim, o TCSD e o CSD tornam-se eventos suplementares que, de alguma forma, ampliam o diálogo sobre as diversas maneiras da multidão *queer* berlinense se fazer presente na cidade.

Considerações finais

- 37 No espaço público da atualidade surgem manifestações de insurgências diferenciadas diante do processo contínuo e histórico de transformação social, que possibilitam o fluxo de outras demandas sociais, porém, nem sempre seguindo os mesmos estereótipos de movimentos simultâneos ou anteriores (GOMES, 2019). Considero que é nessa sucessão de eventos históricos, entre consensos e dissensos, que a multidão *queer* se reinventa.
- 38 Nos anos 1970 os movimentos homossexuais estavam muito vinculados às questões territoriais e urbanas. Para Fry e McRae (1985), a manifestação mais emblemática, que radicalizou os movimentos pelos direitos aos homossexuais, aconteceu no dia 28 de junho de 1969, no bar *Stonewall Inn*, localizado no bairro Greenwich, na época considerado um gueto *gay* em Nova Iorque. Devido a uma invasão rotineira da polícia, nas primeiras horas da manhã desse dia, surgiu uma revolta dos frequentadores: *gays*, *lésbicas*, *dragqueens*, prostitutas e jovens sem teto, sujeitos marginalizados e vinculados aos segmentos LGBTI+ da época. A ação foi seguida de manifestações nos dias posteriores e de publicações em jornais feitas por organizações políticas, como a Frente de Libertação Gay. Além dos Estados Unidos, as manifestações também seguiram para

outros países. Atualmente, a comemoração do Orgulho LGBTI+ no dia 28 de junho, através das *Paradas da diversidade* em várias cidades mundo afora, representa uma data comemorativa para o motim da *Rebelião de Stonewall* (FRY; MACRAE 1985; COLLING 2011). Outras manifestações de rua também se destacam em períodos mais recentes como é o caso da Marcha das Vadias, que teve início no Canadá, e de variações da *Parada do Orgulho LGBTI+*, trazendo as demandas de pessoas trans e de outros movimentos sociais e acadêmicos, como o *Queer of colour*, que se espalham por diversos países e estão presentes no âmbito das culturas e subculturas urbanas ocidentais.

- 39 Assim, apesar do relativo engajamento político apontado para esses eventos em *Schöneberg* vejo essas manifestações regulares como positivas para a ampla divulgação da diversidade de comportamentos e expressões humanas em relação aos diferentes públicos (e consumidores em potencial) presentes no bairro e nos percursos da metrópole. Afinal, trata-se de promover eventos que além de envolverem pessoas e grupos dissidentes, também contam, em geral, com a presença de sujeitos cisheteropatriarcais, entre crianças e adultos, e entidades filantrópicas, turistas, empresas e marcas corporativas. Nesse aspecto, foi nítido observar em Berlim a importância dessas reuniões públicas para a efetiva comunicação com parte da população, que está alheia às representações de dissidência e às iniciativas sociais e institucionais de apoio específico aos interesses de comunidades LGBTI+, formalizando a promoção de campanhas e as participações coletivas mais amplas.
- 40 Por fim, diante dos retrocessos políticos para a redução de direitos humanos e a repressão dos movimentos sociais nas ruas, considero importante a participação conjunta desses diferentes espectros da multidão *queer* ao mobilizarem discursos, corpos e desejos dissidentes na resignificação da esfera pública. Como se revelassem que as performatividades do desvio são apenas amostras da sucessão de singularidades escondidas por toda a sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- BARKER, Meg-John (author); SCHEELE, Julia (illustrator). 2016. "Queer: a graphic history". London: Icon Books Ltd.
- BAUMAN, Zygmunt. 2009. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BUTLER, Judith. 2015. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Tradução Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- COLLING, Leandro (org.). 2011. *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: EDUFBA.
- CORTÉS, José Miguel G. 2008. *Cartografias dissidentes*. Barcelona: [s.n.].
- FRANÇA, Isadora Lins. 2007. "Sobre 'Guetos' e 'Rótulos': tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo". *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, pp. 227-255. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/11.pdf> Acesso em: out.2019.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. 1985. O que é homossexualidade. Coleção Primeiros Passos (26). São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense.

GEHL, Jan. 2013. Cidades para pessoas. 1. ed. São Paulo: Perspectiva.

GOMES, Cilene. 2019. "Lugar de resistência e construção do futuro: apontamentos a um ensaio reflexivo". Ideias, v. 10, p. 1-20 e019004, 12 ago. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8656199/21092> Acesso em: out. 2019.

HARAWAY, Donna J. 2009. "Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX". In: TADEU, Tomaz (org. e trad.). Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, pp. 33-118.

LEFEBVRE, Henri. 1999. A Revolução urbana. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

LEVINE, Martin P. 1998. "Gay macho: the life and death of homosexual clone". In: Base de dados Google Livros. New York: New York University Press.

LEWIS, Elizabeth Sara. 2017. "Teoria(s) Queer e performatividade: mudança social na matriz heteronormativa". In: MACEDO, Elizabeth; RANNIERY, Thiago (Org.). Currículo, sexualidade e ação docente. 1. ed. Petrópolis, RJ: DP et Alii, p. 157-186.

MACHADO, Vanderlei. 2007. Entre Apolo e Dionísio: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis (1889-1930). Porto Alegre: Tese de doutorado em História, UFRGS. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10919/000602883.pdf?sequence=1> Acesso em: out.2019.

MACHADO, Frederico Viana; PRADO, Marco Aurélio Máximo. 2005. "Movimentos homossexuais: a constituição da identidade coletiva entre a economia e a cultura. O caso de dois grupos brasileiros". Vol. X, n. 19. São Paulo: Interações. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v10n19/v10n19a03.pdf> Acesso em: out.2019

MISKOLCI, Richard. 2012. "Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças". Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, p. 21-34.

PRECIADO, Paul. 2011 [2003]. "Multidões *Queer*: notas para uma política dos *anormais*". Tradução de Cleiton Zóia Münchow e Viviane Teixeira Silveira. Florianópolis: Revista Estudos Feministas. 19(1), pp. 11-20.

SANTOS, Milton. 2006. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

TUAN, Yi-Fu. 2012. "Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente". Londrina: Eduel.

VIEIRA, M. S. 2013. "Áreas Livres Públicas e Diversidade Humana". In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: desafios atuais dos feminismos. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

WILLIAMS, Christian. 2004. The rough guide to Berlin. 10th Ed. March. Rough Guides.

NOTAS

1. Perspectiva *queer* como movimento de subversão das identidades de gênero e sexualidades hegemônicas e, por isso, englobando, genericamente, as seguintes categorias: raça, homossexualidade, transexualidade, intersexualidade, pansexualidade e qualquer dissidência que

foge da lógica cisheteronormativa - concepção de que a cisheterossexualidade define a ordem político-social do gênero e da sexualidade na regulamentação de nossas vidas.

2. Essa experiência de campo por áreas públicas de Berlim integra parte da minha investigação para o doutorado, relacionando as temáticas: gênero, espaço e sexualidades.

3. A *Queer Week*, a *Folsom Street Fair*, a *Easter Berlin*, a *Christopher Street Day* (CSD) e a *Trans* Christopher Street Day* (TCSD), entre outros eventos promovidos pelas comunidades LGBTI+, são manifestações importantes para consolidar a presença e a visibilidade da multidão *queer* na composição da urbanidade berlinense, mesmo que de maneira efêmera e com diferentes propósitos de resistência política.

4. Nesse artigo o termo “multidão *queer*” considera o sentido atribuído por Paul Preciado (2011) e amplia essa compreensão de corpos e sujeitos entre diferentes marcações de espaço e pelo dissenso de atuações políticas.

5. Performatividade é a expressão de atos, gestos e desejos, presentes na superfície do corpo, que nomeiam uma identidade (ou fluxo identitário). A repetição desses gestos, atos e falas se cristalizam com o passar do tempo, atribuindo a noção de naturalidade às categorias do gênero e da sexualidade pela performatividade reificada.

6. Matriz heterossexual é uma estrutura de inteligibilidade envolvendo discursos, ações e materialidades consolidadas pelo esquema de vida heterossexual e cisgênero, que define as normas e o modelo de verdade a ser seguido por todos e todas, mesmo aqueles/as que desviam destas condutas (LEWIS, 2017).

7. Da mesma forma que a cisheteronormatividade regula a ordem político-social do gênero e das sexualidades pela repetição performativa associada ao corpo, a prática repetitiva de configuração do planejamento urbano formal se mantém como dispositivo de controle e hierarquia social ao efetivar os processos de inclusão e exclusão do direito à cidade pela diferença entre segmentos populacionais.

8. Destaco o uso do termo “coisas” como bens materiais, assim como no sentido de discursos e conceitos que permeiam os valores socioculturais em determinado contexto histórico.

9. Produção de corpos heteronormados no sentido da constituição hegemônica de corpos binários, marcados pela masculinidade e feminilidade ideal e hegemônica, para atender aos interesses da biopolítica e dos desejos heterossexuais como essência de regulamentações públicas.

10. Heteronomia é um conceito em oposição ao sentido de autonomia; diz respeito à sujeição do indivíduo às imposições estabelecidas por uma coletividade dominante.

11. Termo polissêmico que aqui é interpretado como relativo a concepção homonormativa, ou seja, a reprodução da heteronormatividade por pessoas LGBTI+.

12. De maneira similar a convenção dos corpos, a cidade formal é marcada por hierarquias. Estas categorias espaciais costumam ser interpretadas por significados uniformes do planejamento urbano, na constituição de objetos, representações e hábitos cotidianos quase regulares.

RESUMOS

O objetivo deste artigo é valorizar a experiência do desvio no espaço urbano através do relato de experiência ao acompanhar eventos públicos envolvendo dissidências de gênero e sexualidades

em Berlim. Durante as vivências nesta cidade ao longo de dez meses, constatei através de análise fenomenológica que são em eventos cíclicos como a *Christopher Street Day* que a multidão *queer* torna-se representativa na esfera pública e estabelece novos parâmetros para os limites de orientação (pós)identitária e espacial nesta metrópole marcada pela relativa tolerância e respeito à diversidade. Ao mesmo tempo, são em eventos abertos ao público que a comunidade LGBTI+ berlinense reforça a constituição do gueto como território de reconhecimento e comunicação com a população da cidade, permitindo negociar novas políticas sociais e contestar o caráter de uniformidade urbana e social para as diversas vivências *queer*, diante do enquadramento recorrente de políticas cisheterossexuais predominantes.

The objective of this article is to value the experience of deviation in the urban space through the reporting of experience in following public events involving gender and sexualities dissidents in Berlin. During the ten-month of lived experiences in this city, I have noticed through phenomenological analysis that it is in cyclical events like the *Christopher Street Day* that the queer crowd becomes representative in the public sphere and establishes new parameters for the limits of (post)identity and space orientation in this metropolis marked by a relative tolerance and respect for diversity. At the same time, it is in events open to the public that the Berlin LGBTI+ community reinforces the constitution of the ghetto as a territory of recognition and communication with the city's population, allowing them to negotiate new social policies and contest the character of urban and social uniformity for the various queer experiences, against the recurrent framing of predominant cisheterosexual policies.

ÍNDICE

Keywords: queer multitude, urbanity, ghettob berlin

Palavras-chave: multidão queer, urbanidade, gueto, berlim

AUTOR

MARCOS SARDÁ VIEIRA

Arquiteto, urbanista e doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor adjunto da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) E-mail :marcos.vieira@uffs.edu.br